



Pina Bausch

DECLARA SEU AMOR AO BRASIL

Coreógrafa alemã estréia novo espetáculo

GISELA PIMENTEL

Wuppertal – Quando esteve em dezembro passado no Brasil apresentando Masurca Fogo em São Paulo, Pina Bausch aproveitou para passar cinco dias com seus bailarinos em Salvador. Visitou terreiros de candomblé, casas de pagode e mercados, conheceu Carlinhos Brown e passeou pela favela do Candéal.

O resultado desse tour pôde ser visto no início de maio, em Wuppertal, sede da companhia de Pina, na aplaudidíssima estréia da montagem de 2 horas e meia de duração. Para os maiores jornais da Alemanha, o espetáculo representa a volta da dança como elemento principal do Tanztheater de Pina. O grupo mostrou o trabalho novo no Brasil em agosto.

A coreógrafa conseguiu escapar dos clichês ao falar de Brasil e ainda foi feliz na escolha da trilha sonora: Naná Vasconcelos, Tom Zé, Gilberto Gil, Dorival Caymmi, Rosanna e Zélia (dupla de brasileiras conhecida na Alemanha) e Caetano Veloso (com David Byrne). Mas também tem Tom Waits e Amon Tobin, entre outros. Na tela branca que funciona como cenário no fundo do palco, Peter Pabst projeta filmes com imagens ampliadas de folhas de coqueiros, florestas, gaiotas... Tudo sempre em movimento e a platéia quase chega a sentir a brisa do mar.

Numa das primeiras cenas, a bailarina Helena Pikon aparece excitada e ofegante comendo uma laranja e cantando como foi maravilhosa a noite em que estava com tantas dores que não conseguia dormir – enquanto isso, um bailarino vai dando beijinhos no corpo dela. Como naquele dia não agüentava mais de tanta dor, resolveu se levantar da cama e ir até a janela. Quando olhou para o céu, ficou feliz: “Graças a Deus que eu tive essas dores! Se não fossem elas, não teria visto este céu lindo, que noite deslumbrante!”. A cena resume a parábola do espetáculo: as pessoas sofrem mas fazem a opção pela felicidade.

Não é a toa que a música de abertura do espetáculo é A Felicidade, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Mais adiante, Bebel Gilberto dá o tom com o

Samba da Benção, de Baden Powell e Vinícius de Moraes: “É melhor ser alegre que ser triste, a alegria é a melhor coisa que existe...”.

O humor está presente em boa parte do espetáculo. Há uma cena em que o bailarino fica andando de um lado para o outro falando várias palavras desconexas em alemão, tudo no diminutivo: Fernandinho, beijinho, oizinho, sofa-zinho e assim por diante, mexendo com a forma carinhosa de os brasileiros falarem e que é tão pouco usual na língua alemã.

A presença de Regina Advento na equipe de 20 bailarinos certamente forneceu elementos valiosos na composição dos personagens. Antes da viagem do grupo ao Brasil, Pina pediu a ela que respondesse com movimentos o que a palavra favela a fazia sentir. Regina, que nasceu e cresceu numa favela em Minas Gerais, saiu correndo e gritando desesperada pelo palco e fez como se estivesse levando tiros. A experiência foi tão forte que Regina não quis repetir a cena, e o quadro ficou de fora do espetáculo.

Em algumas coreografias, Pina Bausch põe um bailarino de preto para interromper o clima de festa. Numa delas, está todo mundo feliz aproveitando a água que escorre de uma tubulação improvisada (o telão do cenário mostra imagens da quedas de Foz do Iguaçu dando a impressão de água ser desviada de lá) quando, de repente, entra o defensor da ordem e manda parar com tudo. Eles obedecem chateados, mas, assim que o estraga-prazeres vai embora, correm para continuar a brincar com a água. Quando o sujeito volta, leva um tombo, cai sentado no chão e acaba virando motivo de galhofa.

E como tudo termina em bagunça mesmo, o espetáculo encerra com os bailarinos brincando de cuspir água uns nos outros. O palco fica todo molhado, os artistas completamente encharcados e os espectadores saem do teatro de alma lavada. ■

O ESTILO PINA BAUSCH

Pina Bausch revolucionou as artes cênicas levando o expressionismo para a dança e é considerada uma das maiores coreógrafas da atualidade. Está muito mais interessada “aquilo que leva o corpo a se movimentar do que na maneira como ele se movimenta”. Para ela, todas as partes do corpo podem dançar: dedos, cabelos, cílios... As coreografias mostram como gestos sutis ilustram os sentimentos mais fortes.

O método de trabalho de Pina consiste em perguntas e respostas. Ela fala uma palavra ou faz uma pergunta e espera que o bailarino responda com algum movimento. Grava tudo em vídeo, faz uma série de anotações e seleciona o que mais gostou. Depois, pede para a pessoa repetir a cena e, se necessário, dá o retoque.

Seus espetáculos se baseiam num sistema de colagem de coreografias solas que parecem formar um mosaico. Apenas as cenas que têm vários bailarinos são totalmente criadas por ela. Os passos não ficam presos a determinadas estrofes da música e os bailarinos mantêm o ritmo através da própria respiração.

Nos últimos anos, Pina Bausch tem trabalhado em co-produção com outros países: Masurca Fogo (1998) foi feito com Lisboa, O Dido (1999) com Roma e Wiesenland (2000) com Budapeste.

